

"Novi hominem": a episteme moderna?

"Novi hominem": the mordern episteme

Começamos esse editorial com as palavras de Foucault acerca do homem moderno quando diz que “o homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo” (FOUCAULT, 2016, p. 536). Foucault encerra o livro “As palavras e as coisas” dizendo sobre o homem é uma invenção recente, esse homem moderno que passou a existir a partir do século XVI. Termina apontando que se as disposições criadas em torno desse homem desaparecem, assim como apareceram, esse “homem” seria apagado, suprimido, afugentado; poeticamente desaparecia como um rosto de areia na orla do mar.

Na reverberação dessas “invenções” de Decartes à revolução industrial, da era da paixão moderna de Nietzsche à modernidade volátil de Bauman, vemos surgir um “*novi hominem*”. Podemos refletir sobre isso ao contemplarmos o belíssimo quadro de Van Eyck, “Casamento dos Arnolfini” (1434). Temos o aburguesamento da vida privada e a invenção da intimidade, valores que irão fundamentar o que se dará o nome de bases para o núcleo familiar e da psicologia do homem e da mulher. O casamento é exaltado e o núcleo familiar criado (inventado) sendo constituído por pai, mãe e filhos.

As invenções não cessaram... em 1886 Richard von Krafft-Ebing escreve “*Psychopathia Sexualis*” classificando os “desvios sexuais” em quatro categorias: o paradoxo, ou seja o desejo sexual em momentos da vida que não deveriam acontecer, ou seja, na infância e na velhice; a anestesia ou falta de desejo; a hiperestesia ou desejo em demasiado e a paraestesia onde o desejo sexual se manifesta sobre um objeto errôneo incluindo a homossexualidade, o sadismo, masoquismo e outros. Inventa-se o sexo para procriação e todo desejo sexual canalizado para outro fim seria uma perversão; invenção de mãos dadas com o cristianismo que infiltrou e invadiu os lugares mais profundos de nossas almas estabelecendo ações persecutórias irracionais, preconceituosas, criminosas, homicidas; criando a régua da suposta normalidade com as regras inventadas por esse recente homem.

Outras invenções que ainda hoje classificam, hierarquizam, separam e são excludentes foram criadas por Cesare Lombroso. Suas obras “O homem delinquente” e a “A mulher delinquente” demonstram que na busca de uma frenologia do mal, a diferença, o outro que

não sou “eu”, que não pensa ou não é como o “eu normal” encontra-se na borda. Lombroso coloca a diferença e a criminalidade no “osso” ao desenhar e esculpir profundamente a figura da delinquência na composição física, nas anomalias cranianas e nos fatores psicológicos (moralidade, inteligência, vaidade etc).

Poderíamos criar uma lista de invenções que estão em nosso pensamento e, para o bem e para o mal, contribuem para organizarmos sistematicamente os elementos ao nosso redor, mas diferentemente da suposição foucaultiana o seu fim não está próximo. Em direção contrária, percebemos que o século XXI, especificamente o ano que se esgota, estivemos permeados e sendo produtores de reflexos contundentes e escandalosos de preconceito, separação, divisão e do mal que sempre está no “OUTRO” e nunca em nós. Esquecemos totalmente que vemos no outro o espelho de nós mesmos.

Essa edição de Biblioteca Escolar em Revista trata de três assuntos que ainda são constituídos de entrelaçamentos excludentes, ou melhor, de invenções excludentes: a leitura, a biblioteca e a literatura.

Começamos pela leitura. Em alguns lugares do mundo este direito ainda é negada a mulheres como denuncia a ganhadora mais jovem do Prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai, do Paquistão sob o domínio do tabilã. A leitura educa, cura e liberta. No século XXI ainda temos mulheres as quais são negadas esse direito à vida.

O texto de Solange Puntel Mostafa, “Leitura menor: um conceito, um acontecimento”, nos apresenta uma reflexão importante acerca do processo de leitura abordando a psicanálise, a fenomenologia e a esquizoanálise. Propondo o conceito filosófico de ‘leitura menor’ para designar uma maneira de ler.

A biblioteca.... que para os autores de “Reinvenção do Conhecimento”, Ian McNeely e Lisa Wolverton, não são mais um espaços de legitimação do conhecimento é abordada no artigo de Daniele Achilles e Hugo da Costa Bernardo, “A biblioteca pública entre a heterotopia e a utopia”, com a proposta conceitual da biblioteca pública tendo como elemento reflexivo o conceito de heterotopia foucaultiano. O artigo de Pedro de Souza Santos, “Biblioteca escolar e sala de leitura: um longo caminho para universalização”, aborda a biblioteca escolar e a sala de leitura discutindo sobre esse ponto de inflexão entre lei e realidade brasileira.

A literatura é abordada no artigo de Ana Laura Silva Xavier, “Literatura e feminismo: o clube de leitura Leia Mulheres de Marília”, que apresenta a experiência e as possibilidades de espaços literários para a autoria feminina.

A edição é contemplada com a resenha de Marcos Vinícius Santos de Carvalho Terra sobre o livro “Bibliotecas no mundo antigo: um percurso histórico”.

Desejamos a todos nosso leitores uma leitura prazerosa e produtiva. E que os dispositivos que cercam “*Novi hominem*” não nos acorrente.

Feliz 2019.

Deise Sabbag

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Vozes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes: 2016. p. 536.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia sexualis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. **A mulher delinquente: a prostituta e a mulher normal**. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MCNEELY, Ian; WOLVERTON, Lisa. **A reinvenção do conhecimento: de Alexandria à internet**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.